

Tempo, consciência e sucessão

Jeison Andrés Suárez-Astaiza¹

Resumo: a seguir, abordaremos a questão da possibilidade da lembrança [*Erinnerung*] e da memória desde a concepção husserliana do tempo² como consciência da sucessão, retomando alguns pontos dos argumentos que expõe Ricoeur em *A memória, a história e o esquecimento*³. Finalizaremos mostrando que as análises de Husserl sobre o tempo e a consciência da sucessão, além de insatisfatórias, derivam no que denominamos como a 'aporia do presente estratificado'.

Palavras-chave: tempo, sucessão, impressão, retenção, antecipação.

Time, conscience and succession

Abstract : in what follows, we will address this last question from the husserlian conception of time as consciousness of succession, taking up some of the arguments that Ricoeur exposes in *Memory, History and Forgetting*. We will conclude by showing that Husserl's analyzes of time and the consciousness of succession, in addition to being unsatisfactory, lead to what we call the 'aporia of the stratified present'.

Key words : Time, succession, impression, retention, anticipation

¹ Licenciado y Mestre em Filosofia pela Universidad del Valle (Cali, Colombia), Doutorado em curso em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará, colaborador do *Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade* (Universidade Federal do Paraná) e dos Grupos de Pesquisa *De Humanitate* e *Hermes* da Pontificia Universidad Javeriana Cali e da Universidad del Valle, respectivamente. E-mail: andressuarez88@gmail.com.

² Especificamente em: Hua X, §§7-12; §31, §39; Beilage IX; Hua XI, §§ 26-31; Hua XXXIII, Nr.6 §1; Hua M VIII, pp. XII-XX; C 7 Nr. 27; C 15 Nr. 66. Todos os textos correspondem à obra crítica completa de Husserl (*Husserliana*). A seguir, citaremos entre parênteses oblíquos, com a sigla *Hua*, indicando o volume e o número da página, o trabalho correspondente à *Husserliana*. Entre parênteses retos citamos em alguns casos o número da página na correspondente edição em português. Caso não esteja indicada a referência da obra em outro idioma e o nome do tradutor, a tradução é própria.

³ Especificamente as seguintes partes: 1. *Memória e imaginação*: II. Esboço fenomenológico da memória; III. A lembrança e a imagem (p. 40-70). 3. *Memória pessoal, memória coletiva*: I. A tradição do olhar interior. 3. Husserl (p. 119-129). Todas as citações das páginas correspondem à versão em português de RICOEUR. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: UNICAMP, 2010.

I

A questão que pode ser considerada crucial para a compreensão das análises husserlianas sobre o tempo é: “como se constitui, ao lado dos ‘objetos temporais’, o próprio tempo, a duração e sucessão dos objetos?”⁴. A lição de Husserl, nas *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo* (1994)⁵, foi ter mostrado que todo objeto ‘temporal’, seja este imanente ou transcendente, se apresenta à consciência em uma série de fases, em sucessão, e através de perspectivas ou esboços [*Abschattungen*]. Cada uma das fases é percebida no momento atual como ‘agora’, ‘tendo sido’ e ‘ainda não sendo’: “Há um ‘cada vez’ [...] alguma coisa começa e cessa, começa e, depois de seu fim, ‘cai’ no mais longínquo passado”⁶. Perceber um objeto temporal implica que a cada uma de suas fases lhe corresponda uma fase ‘agora’ da percepção em virtude da qual cada vez pode ser percebida como ‘agora’. A percepção é entendida como uma sucessão de fases ou momentos: ‘agora’, ‘tendo sido’, ‘ainda por vir’, portanto, resulta “[...] evidente que a percepção de um objeto temporal tenha ela mesma temporalidade, que a percepção da duração pressuponha ela mesma a duração da percepção, e que a percepção de qualquer figura temporal tenha ela mesma sua figura temporal”⁷. Então, o problema acerca da constituição dos objetos temporais conduz ao problema da constituição do curso temporal em si mesmo e, com isso, surge a seguinte questão: a consciência da duração do objeto temporal é idêntica à maneira pela qual a consciência é dada como duração e

⁴ Hua X, §7, p. 22 [56]. Esta questão com algumas modificações aparece novamente nas *Análises sobre a Síntese Passiva*: “como uma consciência de algo particular e como uma consciência de dados explícitos chegam a ser possíveis como consciência de uma multiplicidade e como consciência de uma totalidade? [...] uma multiplicidade sendo continuamente fusionada em uma unidade dentro de uma consciência, *implicite*, de tal maneira que a consciência não é consciência de uma multiplicidade (Hua XI, §26, p. 120). A questão também aparece destacada em: BROUGH. The emergence of an absolute consciousness in Husserl’s Early Writings on Time-Consciousness. in F. Elliston y P. Mc Cormik (comp.), *Husserl. Exposition and Appraisals*, London: University of Notre Dame Press, 1977, p. 83.

⁵ Para Husserl, sem dúvida, o tratamento fenomenológico do tempo é talvez o mais difícil dos problemas fenomenológicos e um dos mais importantes de toda a fenomenologia. Isso é comprovado pelo fato de o filósofo ter se dedicado ao assunto ao longo de sua vida acadêmica. Os três volumes de *Husserliana* consagrados exclusivamente ao ‘tempo’ são a prova de sua importância e também permitem uma rápida periodização de seu trabalho. Primeiro, os textos compilados em *Husserliana X* incluem as lições do semestre de inverno de 1904-1905 na Universidade de Göttingen, além de outros textos complementares produzidos entre 1893 e 1917, publicados em 1928. Segundo, existem os manuscritos produzidos por Husserl entre agosto e setembro de 1917 e entre fevereiro e março de 1918 durante sua estadia no alto vale do Bernau. Husserl compilou os manuscritos e os entregou a Eugen Fink em 1928, seu assistente daquele ano. A publicação só ocorrera até 2001 no volume XXXIII de *Husserliana*, sob o nome *Die Bernauer Manuskripte über das Zeitbewusstsein (1917-1918)*. Finalmente, em terceiro lugar, estão os manuscritos de trabalho produzidos por Husserl entre outubro de 1929 e setembro de 1934, denominados “Manuscritos do Grupo C” e publicados sob o nome de *Späte Texte über Zeitkonstitution (1929-1934)*. *Die C-Manuskripte*. Cf. BERNET. “Einleitung”. in, *Husserl, Texte zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstseins (1893-1917)*, Hamburg: Meiner, 1985.

⁶ RICOEUR. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: UNICAMP, 2010, p. 50.

⁷ Hua X, §7, p. 22 [56]. Para Ricoeur há duas coisas aqui bem destacadas: a análise de algo que dura e o exame da duração da percepção enquanto tal. Ambas análises têm como ponto de partida o ‘presente’ e a forma como na duração –sucessão– o presente como ‘sido’ se modifica em passado. Cf. RICOEUR. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: UNICAMP, 2010, p. 49-50.

consciência de si mesma? Em outras palavras, nos vemos aqui com a pergunta sobre o modo como passamos “da fenomenologia da lembrança à da consciência íntima do tempo”⁸. Há, pois, um deslocamento que vai da constituição da memória, em sua relação com um objeto que se desdobra no tempo, que dura, à constituição do fluxo temporal; este é um “deslocamento do olhar”⁹.

Compreendamos o que temos dito através de um exemplo. Pensemos na percepção de um objeto transcendente, ‘esta mesa’ sobre a qual estou agora trabalhando. Já dissemos que um objeto temporal é dado sempre na sucessão de suas fases e através de ‘perspectivas ou esboços’¹⁰. Não obstante, a consciência de um objeto como um e o mesmo se cumpre sob ao menos duas condições: (i) que a consciência perceptiva não seja limitada exclusivamente à fase do ‘agora’ porque, se esse for o caso, em sentido estrito, seria impossível ter ‘a mesma mesa’ na duração da percepção e, em vez disso, teríamos uma multiplicidade de objetos diferentes¹¹. (ii) que junto à consciência da fase do ‘agora’ tenha lugar a consciência das fases passadas e futuras do objeto. A consciência que se dirige aos momentos ‘recém sidos’ e os ‘ainda por vir’, assim como a que se dirige para a fase do ‘agora’, pertence à fase atual da consciência. Husserl distingue então entre o que acaba de ter lugar e a lembrança de um ato ou evento que ocorreu em um momento relativamente distante

⁸ RICOEUR. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: UNICAMP, 2010, p. 50.

⁹ RICOEUR. *op. cit.*, p. 119.

¹⁰ Husserl não foi o primeiro a falar sobre o ‘dar-se perspectivamente’ dos objetos transcendentais. Esta ideia da inadequação dos objetos a encontramos também em Santo Agostinho: “Porém, pensas poder compreender o corpo com o olho? De nenhum modo, pois qualquer coisa que vejas não a vê inteira. Se estás vendo a cara de um homem, não vês suas costas enquanto estás vendo sua cara, e quando vês suas costas, durante esse tempo não vês seu rosto. Portanto, não o vês de maneira que abarque sua totalidade; não obstante, quando vês outra parte que não havias visto, se a memória não te faz recordar que tenhas visto a outra parte que tens desejado olhar, nunca dirás que tenhas compreendido, quer dizer, abarcado, algo que não está em sua superfície. Tocas o que vês, coloca-o de um lado e de outro, ou és tu mesmo que te viras para vê-lo em sua totalidade. Assim, pois, não podes vê-lo com um só olhar. Enquanto lhe dá voltas para vê-lo, vês partes, e associando-as às outras partes, dado que as tenhas visto, crês vê-lo em sua totalidade. Porém aqui não se percebe um resultado da visão dos olhos, senão a força da memória” SAN AGUSTÍN. *Sermón CXVII*. In *Obras Completas XXIII*, trad. de. Amador del Fueyo y Pio de Luis. Madrid: Editorial Católica, 1983, p. 7-8. Nas *Análises sobre a síntese passiva*, sobre isso, Husserl disse: “o esboçar-se em perspectiva como todo objeto espacial invariavelmente aparece, mostra somente o objeto espacial por um lado. Não importa quão completamente possamos perceber uma coisa, nunca se dará a percepção com as características que a qualificam e fazem uma coisa sensível por todos os lados ao mesmo tempo. Não podemos deixar de falar sobre tais e tais lados do objeto que são realmente percebidos. Cada aspecto, cada continuidade de esboços únicos, nos oferece somente lados, não importa o quanto se estenda essa continuidade” (Hua XI, §1, p. 3).

¹¹ Lembre-se, por exemplo, do caso de Funes que, “não o esqueçamos, era quase incapaz de ideias gerais, platônicas. Não apenas lhe custava compreender que o símbolo genérico *cão* abarcava tantos indivíduos dispares de diversos tamanhos e diversa forma; perturbava-lhe que o cão das três e catorze (visto de perfil) tivesse o mesmo nome que o cão das três e quatro (visto de frente). Sua própria face no espelho, suas próprias mãos, surpreendiam-no cada vez” BORGES. “Funes el memorioso”. In *Ficciones*, Madrid: Alianza, 2005, p. 23.

do agora atual¹². Assim, o correlato intencional das fases de agora, passado e futuro do objeto são a impressão originária, a lembrança primária ou ‘retenção’ e o futuro primário ou ‘protensão’. Seguindo a Ricoeur, é necessário fazer aqui uma distinção entre retenção e lembrança:

a impressão é originária, num sentido não metafísico, no sentido daquilo que simplesmente começa e faz que haja um antes e um depois. O presente muda incessantemente, mas também surge incessantemente: aquilo que chamamos acontecer. A partir daí, todo o escoamento não passa de ‘retenção de retenções’¹³.

O anterior implica que a fase atual da consciência na qual tem lugar a percepção ‘agora’ da ‘mesa’ inclui, ao mesmo tempo, a fase de impressão, de retenção e protensão. Aqui há de se distinguir novamente entre as fases do objeto temporal que é intencionado e a fase atual da consciência que o intenciona. Isto é, as fases do objeto intencionadas pela lembrança primária são passadas em relação à fase agora do objeto [*aktuelle Jetzt*], da mesma forma que as fases intencionadas pelo futuro primário são futuros em relação àquele¹⁴. Por sua parte, impressão originária, lembrança primária e futuro primário são co-atuais. Contudo, e apesar disso, somente do ponto da duração que aparece como ‘agora’ pode se dizer que é percebido¹⁵ já que somente na consciência do agora ‘algo’ se dá originalmente, mas sujeito à lei da modificação¹⁶. Em outras palavras, “para um algo que dura, continuar pressupõe começar [...] a retenção não é a impressão; a continuidade não é o começo; neste sentido, ela consiste num ‘não-agora’: passado e agora se excluem. Durar é, de certo modo, superar essa exclusão. Durar, é permanecer o mesmo. É o que significa a palavra ‘modificação’”¹⁷.

O agora¹⁸ é o “[...] ‘ponto fonte’ [*Quellpunkt*] que inaugura o ‘produzir-se’ do objeto que dura”¹⁹, pois somente nele se dá uma impressão originária [*Urimpression*]. Por sua vez, a impressão originária muda continuamente de retenção em retenção, em um processo constante no qual, ao mesmo tempo em que cada fase é retida, preserva seu lugar na sequência. Aqui voltamos para a condição (ii) que enunciamos acima:

¹² BROUGH. The emergence of an absolute consciousness in Husserl's Early Writings on Time-Consciousness. in F. Elliston y P. Mc Cormik (comp.), *Husserl. Exposition and Appraisals*, London: University of Notre Dame Press, 1977, p. 85.

¹³ RICOEUR. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: UNICAMP, 2010, p. 51.

¹⁴ Hua X, §31, p. 66 [93].

¹⁵ Hua X, §9, p. 26 [58].

¹⁶ Hua X, §11, p. 29 [62].

¹⁷ RICOEUR. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: UNICAMP, 2010, p. 52.

¹⁸ Seguimos muito perto a Ricoeur: ‘agora’, “não mais significa apenas o início ou cessação do algo que dura, mas a pura atualidade da aparição [...] No vivido da atualidade, temos o ponto-fonte originário e uma continuidade de momentos de ressonância” RICOEUR. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: UNICAMP, 2010, p. 121.

¹⁹ Hua X, §11, p. 29 [62].

para a constituição de um objeto temporal é necessário que o processo de ‘modificação retencional’ preserve a ordem de sucessão em relação com a modificação constante. Em função da “lei de modificação retencional”²⁰ cada impressão originária muda de retenção em retenção, cada ponto posterior é, para cada um dos anteriores, retenção. Isso é possível porque a retenção não é somente modificação da impressão originária senão também modificação continuada de todas as modificações prévias do mesmo ponto fonte [*Quellpunkt*] da sequência. Ou seja, cada retenção leva consigo a lembrança do seu passado.

Se retomamos nosso exemplo da percepção ‘desta mesa’, dinamicamente, na duração e sequências de suas fases, na duração do ato de perceber a mesa, podemos ver o seguinte: a sequência inicia com a impressão originária *A*; em um momento posterior do tempo, *A* é retido pelo momento impressional *B* e *B* é retido posteriormente pelo momento impressional *C*, porém na medida em que *B* retém *A*, *C* retém *A* como retenção de retenção. No momento impressional *D*, *C* é retido junto com sua retenção *B* (retenção de retenção), e ao fazê-lo retém também o que foi retido por *B* e assim sucessivamente. O processo de modificação retencional, no entanto, não se estende ilimitadamente senão que, na medida em que as retenções se afundam-se²¹ no passado, padecem “um enfraquecimento progressivo que acaba na inadvertência”²². No outro extremo encontra-se a impressão originária, que constitui o núcleo de uma “cauda de cometa de retenções”²³. Em um determinado momento, o objeto temporal já não tem apoio na percepção, “ele se desprende. É realmente passado. E, contudo, ele se encadeia, faz sequência com o presente e sua cauda de cometa”²⁴.

Um objeto transcendente, segundo o que acabamos de afirmar, pode ser percebido em virtude da estrutura impressão-retenção-protensão que caracteriza a cada fase da consciência e do processo de modificação retencional. Ora, a percepção ‘da mesa’ é

²⁰ Hua X, §11, p. 29 [62].

²¹ Este conceito explica o que Husserl denomina como [*Herabsinken*] ‘afundar’, ‘submergir’, ou ‘hundimiento’ em espanhol. Aparece esse conceito quando Husserl aponta “os contínuos dos fenômenos discursivos e o diagrama do tempo” Cfr. (Hua X, §10, p. 28 [60]). De maneira semelhante Husserl falará posteriormente nos *Manuscritos de Bernau (1917/18)* sobre a consciência do tempo do ‘apagamento’ [*Abklingen*] e do fenômeno correspondente a este ‘apagamento’ [*Abklingsphänomene*]. O fenômeno do apagamento ou acabamento é um empobrecimento e um enfraquecimento constante da abundância do que é sempre dado nos presentes vivos de maneira impressional. “Das Abklingen ist eine stetige Verarmung, eine stetige Abnahme in der «Fülle», der entsprechen wir von «Anschaulichkeit»” (Hua XXXIII, N°4, §1, p. 66); Cf. SUÁREZ. “La consciencia de sí como otro. Una interpretación temporal del Abklingsphänomene. La pesadilla de Iván Fiodorovich Karamázov”. In *Medicina Narrativa, Vol. II*, Cali: Pontificia Universidad Javeriana, 2016, pp. 101-110.

²² Hua X, §11, p. 31 [63].

²³ Hua X, §11, p. 30 [63]. De maneira magistral Ricoeur é consciente desta importantíssima questão: “O que acontece, então, com o termo eventual do enfraquecimento que seria o desvanecimento?” RICOEUR. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: UNICAMP, 2010, p. 52.

²⁴ RICOEUR. *op. cit.*, p. 53.

um ato que supõe a animação de um certo conteúdo: a sensação. Incluímos então outra distinção entre o objeto que é percebido como durando ao longo de um segmento de tempo, do aspecto do objeto que é intencionado no momento ‘agora’, ou seja, o objeto percebido se distingue de seus modos de aparecer, mas, como já dissemos, somente pode aparecer através de aparências, perspectivas ou esboços. Esta distinção implica outra: a que existe entre a consciência do objeto percebido e o modo de consciência através do qual se vivenciam as impressões sensíveis. Aqui, no momento, não podemos incluir o modo como imaginação e fantasia teriam de vir a ‘incorporar-se’, por assim dizer, à estrutura da percepção, pois “enquanto passada, a coisa lembrada seria uma pura *phantasia*²⁵, mas, enquanto dada de novo, ela impõe a lembrança como uma modificação *sui generis* aplicada à percepção”²⁶. Em qualquer caso, nesta primeira versão da estrutura do tempo nas ‘Lições’, Husserl apela ao conhecido esquema de ‘apreensão-conteúdo da apreensão’ [*Auffassung-Auffassungsinhalt*], desenhado na época das *Investigações Lógicas*, para mostrar como opera a consciência em ambos os níveis e explicar a referência do material sensível a um objeto intencional. Dado que o esquema está pensado para explicar o funcionamento da percepção e posto que a percepção é um ato objetivante, então, se a consciência temporal fosse interpretada nesses termos, deveríamos necessariamente concluir que ela é também uma consciência objetivante. Isto significaria que se a impressão sensível que se dá no momento ‘agora’ fosse objetivada ao ser apreendida pela consciência do tempo, tanto a retenção quanto a protensão requereriam um certo conteúdo material para poder operar. Por sua vez, uma interpretação objetivante da consciência do tempo conduz a um inevitável regresso ao infinito que Husserl tentará resolver propondo o conceito de “consciência absoluta constituinte do tempo”.

II

Até o momento tentamos mostrar que a análise temporal põe em jogo três fluxos: o dos objetos percebidos, o dos dados da sensação e o dos atos de apreensão.

²⁵ Ricoeur faz referência a: (Hua XXIII, nº4 pp. 218).

²⁶ RICOEUR. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: UNICAMP, 2010, p. 65. Se a lembrança é uma modificação específica da apresentação, ao menos como retenção, a seguinte pergunta é fundamental: “Como explicar que a lembrança retorne em forma de imagem e que a imaginação, assim mobilizada, chegue a revestir-se das formas que escapam à função do irreal?”. Cf. RICOEUR. *op. cit.*, p. 66. Esperamos em outra oportunidade aprofundar sobre o modo como percepção, imaginação e *phantasia* se articulam em função do que podemos denominar “atos mistos” que, no contexto das *Investigações Lógicas* dá lugar a uma problemática muito conhecida pelos especialistas da obra de Husserl.

O primeiro é de caráter transcendente e os dois restantes imanentes. Por sua vez implicam duas formas de intencionalidade: uma objetivante, própria dos atos apreensores, e outra não-objetivante, característica da consciência absoluta. Temos dito também que o objeto transcendente recebe seu sentido e sua unidade temporal do ato perceptivo. Enquanto o sentido é conferido pelo ato apreensor que interpreta as sensações como esboços de um mesmo objeto, a unidade temporal é dada pelo fato de que tanto a percepção quanto as sensações são ‘fenômenos’ fluentes. Isto é, a duração temporal do objeto transcendente é reduzível à duração imanente dos fluxos das sensações e dos atos apreensores. De maneira que se a consciência absoluta constitui a duração dos fluxos imanentes, faz possível a duração dos transcendentos. A síntese do tempo, portanto, é condição de possibilidade de toda experiência, dado que a unidade do objeto, como sentido idêntico, repousa na unidade do ato perceptivo, e esta, por sua vez, na unidade do fluxo de sensações. Isso permite ver que nas análises sobre o tempo não se constata unicamente que existe uma correlação entre os atos da consciência e os objetos senão que os objetos se constituem por obra das reproduções imanentes²⁷. De fato, isso significa reduzir o tempo objetivo à temporalidade constituinte da consciência perceptiva. Por outro lado, os fenômenos constituintes se distinguem, em princípio, das unidades constituídas no tempo. Isso implica que a consciência absoluta não só não seja objetiva, senão que carece ela mesma do tempo. Quer dizer, as fases do curso absoluto formam uma estrutura fixa e co-atual, de maneira que retenção, impressão e protensão são a fonte atemporal de toda temporalização. A “pré-temporalidade” [*Urzeitigung*] do curso²⁸ estabelece limites para a capacidade da linguagem de expressar as notas que caracterizam o curso absoluto, uma vez que os próprios conceitos da linguagem são, em princípio, objetivos e temporais. Assim, ainda que denominemos de ‘fluxo’ ou ‘curso’²⁹, são sempre meras imagens; o curso absoluto é a subjetividade absoluta, embora o próprio Husserl seja consciente de que para chamá-lo “nos faltam os nomes”³⁰. Apesar desta impossibilidade, “Ainda se poderá falar em unidade? Em fluxo uno? Sim, porque a transformação incessante do ‘agora’ em ‘não mais’, e do ‘ainda não’ num ‘agora’ equivale à constituição de um único fluxo, se a palavra ‘constituição’ mantiver um sentido quando nada é constituído senão o próprio fluxo”³¹.

²⁷ Cf. BERNET. “Einleitung”. in, *Husserl, Texte zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstseins (1893-1917)*, Hamburg: Meiner, 1985, p. XXXVI.

²⁸ Hua M VIII, §3, p. 117.

²⁹ Fluxo que, na maioria das vezes, representa um problema. Cf. SUÁREZ, “O problema do fluxo da consciência”. *Ideação*, Nº41, Janeiro/Junho 2020, pp. 298-313.

³⁰ Hua X, §36, p. 75 [101].

³¹ RICOEUR. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: UNICAMP, 2010, p. 122.

Ora, para possibilitar a unidade (dos atos e sensações) a consciência absoluta deve realizar duas tarefas: sintetizar o próprio fluxo e fazer o fluxo consciente de si. Mas, como opera a consciência absoluta para, *ao mesmo tempo*, dar unidade e possibilitar a autocaptação do fluxo? Ricoeur, citando o §39 de Hua X, aponta como aqui parece haver um paradoxo a respeito de que “o fluxo de consciência constitui sua própria unidade”³². A saída de Ricoeur para resolver esta ‘aparente’ dificuldade é a seguinte: “de um lado, a unidade da coisa que dura se constitui *através* das fases; de outro o olhar se dirige *sobre* o fluxo”³³. Esta postura é adequada porque “no fluxo uno, único, de consciência, se constitui a unidade temporal imanente [...] e ao mesmo tempo a unidade do próprio fluxo de consciência”³⁴. Isto é, enquanto o objeto transcendente se distingue dos atos através dos quais é constituído e as unidades imanentes são, em certo sentido, diferentes da consciência absoluta que faz possível sua experiência, o fluxo absoluto se autoconstitui e é experimentado a partir de si mesmo. Em outras palavras, na consciência absoluta o constituinte e o constituído coincidem. A teoria da dupla intencionalidade vai mostrar esta coincidência.

Cada fase do fluxo está dirigida intencionalmente a alguma fase de um ou vários objetos, mas, *ao mesmo tempo*, cada fase do curso está relacionada intencionalmente com outras de suas fases. Se temos em conta a primeira direção da intencionalidade compreendemos que a impressão primária é o ‘momento’ do curso absoluto em virtude pelo qual cada fase do objeto é experimentado como ‘agora’. Uma primeira forma de retenção³⁵ conserva a fase do ‘agora’ quando esta transcorre, enquanto a protensão intenciona a fase do objeto ainda por vir. Dessa forma, impressão, retenção, protensão constituem a intencionalidade transversal [*Querintentionalität*] do curso, isto é, a consciência do tempo no modo ‘agora, passado e futuro’³⁶. Pois bem, quando a fase ‘agora’ do objeto intencional transcorre, o mesmo acontece com a impressão originária que a havia intencionado. E quando uma nova fase atual da consciência absoluta retém o momento anterior do curso, retém também a fase que havia sido retida por ele. Se produz assim um *continuum* de retenções que constitui o curso absoluto como uma unidade, cabe dizer, um TODO constante “de modos de consciências, de modos do ser decorrido; de aparecer um após o outro ou

³² Hua X, §39, p. 80 [105]. Também citado em: RICOEUR. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: UNICAMP, 2010, p. 122.

³³ RICOEUR. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: UNICAMP, 2010, p. 122.

³⁴ Hua X, §39, p. 80 [105].

³⁵ Hua X, §39, p. 81 [106].

³⁶ RICOEUR. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: UNICAMP, 2010, p. 122; BROUGH. The emergence of an absolute consciousness in Husserl's Early Writings on Time-Consciousness. in F. Elliston y P. Mc Cormik (comp.), *Husserl. Exposition and Appraisals*, London: University of Notre Dame Press, 1977, p. 96.

juntos –simultaneamente– é o que se costuma chamar sucessão e coexistência”³⁷. Aqui já está indicada a segunda direção da intencionalidade, aquela dirigida agora sobre o próprio curso e que Husserl chama longitudinal [*Längsintentionalität*]. Assim temos que a intencionalidade transversal (QI) se fixa na coisa que dura enquanto a intencionalidade longitudinal (LI) se fixa nas retenções e na série de retenções³⁸. O que comprovamos aqui é a implicação mútua entre a síntese temporal e seu conteúdo, pois, se bem é possível distinguir ambos os modos da intencionalidade é claro que não são separáveis um do outro.

A síntese que *LI* realiza das fases da consciência absoluta requer não só que algo novo se dê no momento proto-impressional senão que o conteúdo dado seja ‘consciente’ para poder ser retido. Ou seja, a retenção não só conserva o conteúdo ‘recém-sido’, mercê da operação de *QI*, como também a consciência desse conteúdo: ter um passado não significa unicamente conservar certos conteúdos que já não são presentes senão advertir que tais conteúdos são os meus próprios. Assim, a consciência retencional só pode operar a condição de que a consciência se dê a se mesma na fase ‘agora’. A consciência absoluta realiza uma captação não reflexiva e não objetivante dos atos na fase atual. Se não fosse assim nós enfrentaríamos um problema de regresso ao infinito que tem a ver com uma interpretação objetivante do curso absoluto. Para alguns intérpretes³⁹, a autocaptação primeira do curso de consciência deve recair em um ato de reflexão; para que um ato possa fazer-se consciente deve converter-se em correlato objetivo de um novo ato. Para garantir que o ato reflexivo e o ato objeto dessa reflexão pertençam a uma mesma consciência, esta interpretação reflexiva da autocaptação supõe o seguinte: não basta simplesmente que *A* seja consciente de *B* senão que *A* também deve ser consciente de *B* como membro do mesmo fluxo temporal que *A*⁴⁰. Para que isso seja possível, *A* deveria ser tematizado por um novo ato *C* que faria consciente a *A* e com isso garantir a identidade entre *A* e *B*. Ao mesmo tempo, o novo ato *C* deveria fazer-se consciente por um novo ato *D* e assim sucessivamente. Aqui não só temos o perigo de cair em um regresso ao infinito como derivar em um problema de associação muito complexo.

³⁷ RICOEUR. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: UNICAMP, 2010, p. 122.

³⁸ RICOEUR. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: UNICAMP, 2010, p. 122-123. Mais adiante Ricoeur propõe que a intencionalidade transversal, própria da consciência de algo, pode considerar-se como uma objetivação. Isto, evidentemente, aponta o próprio Ricoeur, conduz ao problema da regressão infinita. Deixaremos esse problema de lado por falta de tempo e espaço.

³⁹ TUGENDHAT. *Selbstbewusstsein und Selbstbestimmung: Sprachanalytische Interpretationen*. Berlin: Suhrkamp, 1997.

⁴⁰ ZAHAVI. *Self-awareness and Alterity. A phenomenological Investigation*. Evanston: Northwestern University Press, 1999, p. 17.

III

Na seção anterior afirmamos que a síntese do tempo é condição de possibilidade de toda experiência, dado que a unidade do objeto, como sentido idêntico, repousa na unidade do ato perceptivo e esta, por sua vez, na unidade do fluxo de sensações. Se o fenômeno como unidade vai depender de uma síntese que o estabilize, a emergência do sentido deverá explicar-se em função da possibilidade da superposição dos momentos ou fatores de unidade em que necessariamente sempre se exhibe o fenômeno, isto é, a partir de uma síntese do múltiplo. Assim, da tese de que o sentido objetivo é uma ‘produção subjetiva’⁴¹ surge um novo problema em relação à constituição da consciência do múltiplo como consciência de totalidade⁴². E a isto acrescentamos mais um elemento pois se subentende que esta consciência de multiplicidade tem que ser entendida em clave temporal, já que esta descrição é o resultado de uma análise genética que não considera o ato de consciência estaticamente. Então tem que se perguntar: O que acontece em uma série perceptiva, em uma fase temporal, que põe a esfera do presente vivido como um “devir fluente”⁴³? Como é a síntese que ali se realiza?

Se respondemos a esta questão em clave de uma ontologia formal ou mereologia, haveria necessidade de afirmar que este fator de unidade assim constituído neste agora, a essência intencional que é o todo do ato, passa a ser, em virtude da série temporal, uma parte de um todo maior. Aqui, em princípio, não há apreensão de nada, senão que toda a vivência mesma, por assim dizer, passe a estar em função de uma vivência totalmente nova, cujo próprio conteúdo primário é o conteúdo essencial já constituído previamente na vivência anterior. E o que isso quer dizer? Que uma vivência deve apresentar-se como sendo parte elementar de outra vivência mais atual; dando-se do mesmo modo, por semelhança de sua essência intencional, como se fosse uma parte propriamente sua da vivência atual. De nenhuma

⁴¹ “Aqui, podemos formular um princípio que se tornará muito mais claro em nossas análises futuras, sempre que falarmos sobre objetos, independentemente de qual categoria de objeto for, o sentido dessa maneira de falar sobre objetos começa originalmente nas percepções como experiências vividas que originalmente constituem sentido e [são], portanto, uma formação semelhante a um objeto. Mas a constituição de um objeto como sentido é um rendimento da consciência que é, em princípio, único para cada tipo básico de objeto”. A afirmação em itálico no original alemão é a seguinte: “*Konstitution eines Gegenstandes als Sinnes ist aber eine Bewußtseinsleistung*” (Hua XI, §4, p. 19).

⁴² “Como uma consciência de algo particular e como uma consciência de dados explícitos chegam a ser possíveis como consciência de uma multiplicidade e como consciência de uma totalidade? [...] uma multiplicidade sendo continuamente fusionada em uma unidade dentro uma consciência, *implicite*, de tal maneira que a consciência não é consciência de uma multiplicidade” (Hua XI, §26, p. 120).

⁴³ Disse explicitamente Husserl: [*strömendes Werden*] (Hua XI, Bei. XIII, p. 387).

outra forma poderia haver adequação, síntese de identidade por recobrimento. Husserl o explica nos seguintes termos:

Ao mesmo tempo se constitui necessariamente uma simultaneidade; não se constitui para cada dado semelhante uma temporalidade separada, que não tenha nada a ver com a temporalidade de outros dados. É constituído um agora que traz para a unidade de identidade o agora de um e outro dado. E da mesma forma, toda a estrutura formal dos modos temporais subjetivos existe para ambos os dados e, portanto, para todos os dados do mesmo agora que são constituídos em uma recobrimento de identidade [*Identitätsdeckung*].⁴⁴

Mas é precisamente quando há adequação que aparece a problemática da multi-estratificação do presente ou “a aporia do presente estratificado”⁴⁵, pois não fica claro como uma vivência é abarcada por outra a tal ponto que a primeira é parte constitutiva e fundamental da segunda, que nem sequer Deus ou qualquer gênio maligno poderia intervir na evidência que se alcança pela adequação dessas vivências. No entanto, como ocorre tal coisa? Como é possível falar de fenômenos como o da consciência de sucessão?

Partamos do mais básico. Toda vivência é particular, única e irrepetível, e cada uma tem uma essência intencional⁴⁶ que é parte do todo do ato. Então, toda vivência intencional remete um conteúdo essencial. A dificuldade surge quando se tenta explicar como o conteúdo essencial de uma vivência é abarcado por outra como em uma sucessão estratificada mas simultânea. Em efeito, a problemática do presente estratificado é o ponto difícil de resolver de uma teoria da associação que depende não só da síntese de cumprimento como também de uma síntese que, na passividade da consciência, consegue unificar antecipadamente as unidades de sentido que se constituem no agora, no instante da esfera do presente que é sempre um ‘devir em fluxo’⁴⁷, um agora que permite a sucessão e a que lhe corresponde “uma síntese

⁴⁴ Hua XI, §27, p. 127.

⁴⁵ Para uma extensão deste problema do presente estratificado: SUÁREZ. “Observaciones sobre la pre-donación del mundo de la vida y su constitución. Las síntesis perceptivas y su implicación con la teoría de todos y partes. In *Anuario Colombiano de Fenomenología*, Vol. VII. Pereira: UTP, 2013, p. 243-250.

⁴⁶ Tomando a vida da consciência em abstrato e assumindo que ela pode ser limitada, quando Husserl analisa um ato simples, ele aponta que pelo menos três fatores estão incluídos nele: a essência intencional, os conteúdos primários e a apreensão dos conteúdos; esses dois últimos fatores ficam fora da essência intencional e são simplesmente adicionados a ela. A essência intencional é absolutamente individual, é “a peculiaridade das vivências intencionais ou dos atos como tais” (Hua XIX/1, §16, p. 411). A essência intencional é o que torna uma experiência exatamente o que é. A essência intencional, por sua vez, tem duas grandes partes que são matéria e qualidade (Hua XIX/1, §22-24, p. 441-447).

⁴⁷ SUÁREZ. “Síntesis pasiva y presente viviente”. In *Anuario Colombiano de Fenomenología*, Vol. IX. Cali: Universidad del Valle, 2017, pp. 81-91.

universal através da qual se constitui um presente concreto universal, um presente em que todas as singularidades separadas são integradas”⁴⁸.

No entanto, a sucessão escalonada do conteúdo intencional de uma série de vivências, que faz possível a estabilização do fenômeno, se é o caso que estas remetam a um conteúdo objetivo, garante o surgimento do sentido com respeito àquilo que é intencionado no ato. O que sucede, o problema que se apresenta, é que tal sucessão não é sempre ‘continuamente fluente’. Isso permite, paradoxalmente, a superposição ou sedimentação dos distintos campos temporais que se constituem para cada eu – por sucessão associativa de vivências – dentro da esfera da consciência. Somente porque a sucessão não é sempre gradual, pode-se, por exemplo, sobrepor uma vivência passada, rememorada, com outra, como momentos de tempo, a tal ponto que cada uma delas vai perdendo sua particularidade própria e fica somente um momento geral, um todo geral idêntico que é a consciência do tempo.

A exigência para que haja consciência do tempo é que toda vivência deve se entender como uma *fase temporal*. Desta maneira, cada vivência compreenderá além do captado no agora, em um presente concreto, retenções e protensões que se dão em paralelo com a fase temporal. Contudo, isso resulta confuso porque toda vivência intencional é independente, única e irrepetível. A exigência e a dificuldade é entender a vivência mesma não como um limite no fluxo senão como uma continuidade sendo no fluxo, caso contrário, não poderíamos perceber nem conhecer nada. Se a vivência tem que ser entendida como uma fase temporal, então, é imprescindível que haja nela passado-presente-futuro e não unicamente atualidade: “Em todos os momentos vividos constituímos algumas objetividades temporais, cada uma delas com um agora momentâneo, a sua vez, com o horizonte momentâneo do recém-sido [*Gewesenheit*] e o horizonte protencional momentâneo.”⁴⁹. Na fase vivencial de qualquer ato estão contidas juntas e sintetizadas as três dimensões temporais, de tal maneira que é muito difícil ou improvável mostrar, por exemplo, onde termina o puro presente, onde começa o passado retido ou o memorizado e onde está a projeção para o por vir. Na vivência não há limites nem linhas divisória entre um momento e outro, pois nela tudo funciona com uma grande síntese temporal, como adequação justamente. Em abstrato, a vivência é, então, uma fase e por isso se considera como um ato simples que, na sucessão temporal, constitui unidades fenomenológicas como unidades de sentido. Unidades que no final das contas dependem definitivamente de uma síntese passiva que: “não é passiva em virtude de uma receptividade cega da consciência,

⁴⁸ Hua XI, §27, p. 127.

⁴⁹ Hua XI, §27, p. 126-127.

senão precisamente em virtude de uma atividade sintética em que a consciência é passiva como tal, síntese passiva em virtude, em suma, do inconsciente fenomenológico, onde se constitui as unidades fenomenológicas como tal⁵⁰. Unidades de sentido dentro da estrutura efetividade/in-efetividade daquela dimensão originária, da pré-doação [*Vorgegeben*], que sempre me oferece em uma doxa passiva um mundo de antemão.

A problemática do presente reclama que a antecipação intuitiva do horizonte perceptivo, por efetuação de uma síntese passiva, é unicamente possível com a condição de que a esfera do presente, e o dado efetivamente nela, esteja constituído por uma multiplicidade de aparições que me são dadas antecipadamente, mas que não podem ser outra coisa além de impressões em “presente originário vivo [*Lebendige Urgegenwart*]”⁵¹. Impressões de um presente originário no que há sucessão, superposição; um presente que “se vê empurrado pelo novo fazendo surgir deste modo as séries longitudinais de retenções em co-pertença”⁵². A dificuldade se apresenta quando se admite uma multiestratificação de sentido que é imediata e antecipada a toda efetuação, onde jazem constituídas unidades ‘proto-objetivas’ que são “pontos de origem sensíveis”⁵³ não do horizonte efetivo – consciente - senão, como disse Husserl, “de um horizonte in-efetivo do inconsciente”⁵⁴ desde o qual ocorre a pré-doação do mundo - da vida. Estes ‘pontos de origem sensíveis’ são objeto da investigação fenomenológica que indaga sobre o modo em que a consciência constitui formas e sentidos, mas, sobretudo, de uma investigação que dá conta do desenrolamento do horizonte do mundo nesta constituição já que “explicitar sistematicamente a estrutura de horizonte é explicitar a intencionalidade em que o mundo é constituído”⁵⁵. Constituição que revela o mundo esboçadamente, mas persistente em si mesmo como um mundo único de uma maneira não efetiva, não temática, ao longo da experiência de objetos.

Pois bem, os fenômenos como unidades de sentido em função da síntese passiva estão sempre pré-dados a toda efetuação da consciência, jazem previamente antecipados no horizonte de in-efetividade, na dimensão originária do mundo que age permanentemente como campo universal e como fundamento da práxis humana. Mas

⁵⁰ RICHIR. „Synthèse passive et temporalisation/spatialisation”. In *Husserl*. Grenoble: Jérôme Millon, 2004, §1, p. 12.

⁵¹ “Lebendige Urgegenwart: in der Lebendigkeit die Verschmelzung der synthetisch, identifizierend fungierenden Reihen” (Hua XI, Bei XIII, p. 387).

⁵² Hua XI, Bei XIII, p. 388.

⁵³ RICHIR. Synthèse passive et temporalisation/spatialisation”. In *Husserl*. Grenoble: Jérôme Millon, 2004, §2, p. 15.

⁵⁴ “einem ineffektiven Horizont des Unbewussten” (Hua XXXIX, N°4, p. 27).

⁵⁵ Hua XXXIX, Bei VIII, p. 129.

onde estas unidades de sentido se originam, onde essa gênese do sentido tem lugar? Seguindo a argumentação de Husserl, temos que dizer que o sentido é, então, o efeito da práxis, do movimento da constituição da unidade noética-noemática que situa certo número de atos da consciência frente a certo número de doações do fenômeno à intencionalidade. A atividade intencional das vivências é surgimento de sentido, gênese, de modo particular, sempre referida a coisas em seus correspondentes modos de consciência, mas que indica, isto é, remete, associativamente a outros objetos, a um horizonte geral que não está dado efetivamente, mas que *aparece* em virtude das apercepções particulares que se fundam na unidade de uma apercepção universal na qual se vislumbra o mundo. Mundo pré-dado como rendimento de uma apercepção total e mundo dado com a experiência de objetos singulares é o que temos em cada unidade noética-noemática: “O mundo está aí para todos nós como mundo pré-dado, na medida em que já antes da direção temática com respeito a este ou aquele objeto, ou mesmo no mundo como um universo, uma *apercepção de mundo* vai constantemente através de nossa vida”⁵⁶.

A remissão ou a associação, além de evocar os conteúdos na consciência, também cria novos caracteres e unidades fenomenológicas, cujo momento abstrato, fundamento legal necessário, não se encontra nos conteúdos mesmos vividos. A associação faz possível a semelhança mesmo que, ainda, não haja uma relação real de indicação por signos e designação. Mas também faz possível o simultâneo, estabelece uma ponte para que as partes e os aspectos do objeto e do mundo que unitariamente se destacam no horizonte efetivo, no presente vivo, apontem de maneira reprodutiva ao outro com determinada ordem e enlace; o outro não efetivo, não consciente, mas que, no entanto, está aí em sentido ‘latente’ e que pode ser “despertado”, “avivado” pela consciência. Um despertar que vai desde um presente impressional para outro presente reproduzido, ou um despertar em que se ingressa em uma relação associativa com todos os passados retidos ou recordados e com todo o âmbito de coisas esquecidas ou por realizar. Nisto reside a importância da associação já que:

É evidente que só deste modo podemos resolver completamente o problema referente a como o eu puro é capaz de ser consciente do fato que tem por trás de si um campo inacabável de experiências vividas passadas como próprio, uma unidade de vida passada na forma do tempo, como uma vida que está em princípio acessível em qualquer

⁵⁶ “Die Welt ist für uns da als vorgegebene, sofern schon vor der thematischen Blickrichtung auf die oder jene Objekte oder gar auf die Welt als Universum durch unser Leben beständig eine Weltapperzeption hindurchgeht” (Hua XXXIX, N°5, p. 42).

lugar através das lembranças, ou, o que é o mesmo, é capaz de ser reanimado no núcleo do seu ser⁵⁷.

Então, trata-se de estabelecer como é precisamente a relação de associação que ocorre no interior de cada curso temporal para ir descobrindo, explicitando [*Auslegung*], precisamente, aquele sistema de convergência que vai se formando temporalmente com todas as relações associativas já efetuadas e as latentes que estão aí à espera de ser efetuadas. Um sistema de convergência, de superposição, que é a base da estrutura geral, temporal, que é própria de cada vivência: um presente impressional que inseparavelmente vai unido a uma antecipação protensional do que está por vir e uma retenção do que já foi transcorrido. Através desta estrutura temporal, deste curso, é que podemos ter consciência da sucessão e do mundo como uma rede de sentido, de fenômenos estabilizados objetivamente como unidades, conforme a função da síntese passiva na urdidura do mundo.

Referências Bibliográficas

- BERNET. “Einleitung”. in, *Husserl, Texte zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstseins (1893-1917)*, Hamburg: Meiner, 1985.
- BORGES. “Funes el memorioso”. *Ficciones*, Alianza, Madrid, 2005.
- BROUGH. “The emergence of an absolute consciousness in Husserl’s Early Writings on Time-Consciousness”. in F. Elliston y P. Mc Cormik (comp.), *Husserl. Exposition and Appraisals*, London: University of Notre Dame Press, 1977.
- HUSSERL. *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*. Pedro Alves, Trad. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1994.
- *Analysen zur passiven synthesis. Aus Vorlesungs und Forschungsmanuskripten 1918-1926*. Haag, Martinus Nijhoff, 1966 (Hua XI).
- *Vorlesungen zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstseins*. Tübingen: Max Niemayer, 2000 (Hua X).
- *Die Bernauer Manuskripte über das Zeitbewusstsein (1917-1918)*, Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2001 (Hua XXXIII).
- *Späte Texte über Zeitkonstitution (1929-1934). Die C-Manuskripte*. Dordrecht: Springer, 2006. *Husserliana Materialien VIII*. (Hua M VIII).

⁵⁷ Hua XI, §26, p. 123.

- *Die Lebenswelt. Auslegungen der vorgegebenen Welt und ihrer Konstitution. Texte aus dem Nachlass (1916-1937)*. Rochus Sowa (ed.). Dordrecht: Springer, 2008. (Hua XXXIX).
- RICHIR. „Synthèse passive et temporalisation/spatialisation”. In *Husserl*. Grenoble: Jérôme Millon, 2004, pp. 9-41.
- RICOEUR. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: UNICAMP, 2010.
- SAN AGUSTÍN. Sermones (3º) 117-183. In *Obras Completas XXIII*, trad. de. Amador del Fueyo y Pio de Luis. Madrid: Editorial Católica, 1983.
- SUÁREZ. “Observaciones sobre la pre-donación del mundo de la vida y su constitución. Las síntesis perceptivas y su implicación con la teoría de todos y partes. In *Anuario Colombiano de Fenomenología, Vol. VII*. Pereira: UTP, 2013, pp. 237-251.
- “La conciencia de sí como otro. Una interpretación temporal del Abklingsphänomene. La pesadilla de Iván Fiodorovich Karamázov”. In *Medicina Narrativa, Vol. II*, Cali: Pontificia Universidad Javeriana, 2016, pp. 101-110.
- “Síntesis pasiva y presente viviente”. In *Anuario Colombiano de Fenomenología, Vol. IX*. Cali: Universidad del Valle, 2017, pp. 81-91.
- “O problema do fluxo da consciência”. In *Ideação*, Nº41, Janeiro/Junho 2020, pp. 298-313.
- TUGENDHAT. *Selbstbewusstsein und Selbstbestimmung: Sprachanalytische Interpretationen*. Berlin: Suhrkamp, 1997.
- ZAHAVI. *Self-awareness and Alterity. A phenomenological Investigation*. Evanston: Northwestern University Press, 1999.

Recebido em: 20/07/2020.

Aceito para publicação em: 18/11/2020.

© Jeison Andrés Suáres-Astaiza. Esse documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR).